

Uma mobilidade social localizada: a carreira biográfica de uma artesã do sertão mineiro¹

Yumi Garcia dos Santos²

Resumo: Este artigo apresenta a carreira biográfica de uma artesã do sertão mineiro que se deu inicialmente com as artesãs do seu meio socio-familiar para posteriormente simbolizar a cultura regional. Sua formação, que extrapola a arte, não passa pelo ciclo de vida feminino convencional na modernidade como os estudos formais, emprego e casamento, mas pelos acontecimentos contextualizados por seu tempo, como o intercâmbio com pessoas vindas de fora (Frei Nicolau e alunos do projeto Rondon) e a presidência do Partido dos Trabalhadores (PT) de sua cidade. A consequente projeção pública se deu no que chamamos de uma mobilidade social localizada.

Palavras-chave: carreira biográfica, turning point, mobilidade social, cultura popular, política

-
- 1 Este texto tem como base pesquisas realizadas no âmbito de dois projetos. O primeiro, “Construção de alternativas sócio-ocupacionais de mulheres entre Estado, mercado e família: uma comparação regional”, coordenado por Isabel H. P. Georges e financiado pelo CNPq (Chamada Universal CNPq, 2013-2016). O segundo, “Território, política e mercado: formas de mobilização das mulheres do Vale do Jequitinhonha”, coordenada por Yumi Garcia dos Santos, se desenvolve no âmbito da Chamada Universal FAPEMIG – Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais 01/2017 (início dezembro de 2017, segue vigente). Da mesma forma, tem como ponto de partida o seminário internacional “Trayectorias, trabajo y género” realizado em março de 2018 em Buenos Aires pelos Laboratório Misto Internacional (Social activities, gender, markets and mobilities from below) e o Programa Envejecimiento y Sociedad da FLACSO, Argentina. Os nomes próprios de pessoas, cidades e instituições foram modificados ou velados.
- 2 Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Belo Horizonte – MG – Brasil – yumigarciasantos@gmail.com

Situated mobility. The biographical career of an artisan from Minas Gerais' hinterland

Abstract: *This article presents the biographical career of a craftswoman of Minas Gerais state's hinterlands. It began with women artisans of her socio-familiar environment and developed to symbolize regional culture. Her life formation that extrapolates arts did not go through conventional feminine life cycle such as formal studies, employment and marriage, but events that were contextualized by that time, such as the exchange with foreigners (Frei Nicolas and students of the Rondon Project) and the presidency of Workers Party of her city. The public projection that she then obtained gave birth to what we call localized social mobility.*

Keywords: *biographical career, turning point, social mobility, popular culture, politics*

1. Apresentação

Quando iniciamos nossa pesquisa de campo na cidade de Veredas³, situada no Vale do Jequitinhonha, sertão de Minas Gerais em janeiro de 2015 no âmbito da pesquisa “*Construção de alternativas sócio-ocupacionais de mulheres entre Estado, mercado e família: uma comparação regional*”, uma das vias de acesso às informantes que havia sido vislumbrada era a do artesanato e de suas artesãs⁴. A feira de artesanato realizada pelo Programa Polo de Integração da UFMG no Vale do Jequitinhonha chamou-me a atenção para esse setor que tem sido promovido como um diferencial regional no contexto da forte característica rural da região e a escassez de possibilidades de inserção no mercado de trabalho para as mulheres e os homens (Matos; Santos; Simoes, 2015; Georges; Santos; Araujo; Lima, 2017; Reis, 2018). Como mostram as pesquisas citadas, as ocupações para pessoas que não possuem educação superior são limitadas à pequena produção rural, a serviços públicos que não permitem carreira como as de agentes comunitários de saúde e agentes sanitários, limpeza urbana, serviços gerais assim como empregos domésticos e hoteleiros (id.). As escassas

3 “Veredas” se localiza a quase 700 km de Belo Horizonte, contando com uma população de mais ou menos 36.000 habitantes e possui em torno de 70 comunidades rurais. Conforme nos contaram os informantes da cidade, registros literários e site da prefeitura, foi fundada por uma fazendeira no final do Século XIX.

4 Conjuntamente foram programadas (e realizadas) entrevistas com mulheres das comunidades rurais visitadas na pesquisa “O Impacto do Programa Bolsa Família Sobre a Vida das Mulheres nos Meios Rural e Urbano: Cotidiano e projeções para a autonomia feminina. O caso de Minas Gerais” (CNPq/SPM 2013-2014) coordenada por Marlise Matos (DCP/UFMG) no qual fiz parte como pesquisadora.

alternativas de trabalho têm feito com que homens, principalmente, migrem para outros estados para o corte de cana, colheitas de frutas e construção civil, sob instabilidades conjunturais e impactos sobre a saúde que tem comprometido o lugar de chefe de família desses homens (Georges; Santos; Araujo; Lima, 2017; Reis, 2018). Não poucas mulheres têm, então, se tornado as principais provedoras do lar por meio do Programa Bolsa Família por significar a posse de uma renda estável⁵ (Georges; Santos; Araujo; Lima, id.).

Se a população pobre da cidade vive de ocupações que são vistas como “trabalho sujo” (Hughes, 1958), marcada por relações contratuais instáveis, invisibilidade e baixo *status* social, os artesãos do Vale do Jequitinhonha parecem se dedicar ao trabalho mais reconhecido, autônomo e que permite uma realização pessoal (Dubar, 2012) ainda que o retorno financeiro seja baixo.

Na medida que íamos conhecendo a cidade, emblematicamente relatada pelos moradores que havia sido fundada no Século XIX por uma mulher, sabemos que o município havia sido governado mais recentemente, entre 1997 e 2004 por Aparecida dos Santos, uma mulher negra, solteira e formada em serviços sociais com seus pouco mais de quarenta anos⁶. Fomos então instigados a nos adentrar na história política da cidade, revelando ser um lugar em que se efetiva uma liderança feminina. Contudo, Veredas, por muito tempo, foi marcada por relações de dominação de grandes proprietários fundiários, os “coronéis”⁷, cujo poder hoje, não sendo mais hegemônico, convive com novas formas de poder. De um lado, um governo petista de longa duração desde 1997, quando no ano anterior elegeu Aparecida. Cida, como é mais conhecida,

5 A renda dos homens é mais importante em termos de valor, mas tende a diminuir ou ser intermitente pelas razões anteriormente citadas. O benefício do PBF substitui ou se conjuga com as ocupações tradicionais das mulheres da região, como a da pequena agricultura familiar, a de lavadeira, a de trabalhadoras em tendas de mandioca e a de profissionais de limpeza e cuidados às pessoas (Georges; Santos; Araujo, 2015).

6 Nasceu no norte de Minas Gerais e migrou para Belo Horizonte com a família ainda criança. Fez seus estudos básicos em colégios públicos e cursou serviços sociais em uma importante universidade particular. Sua ida a Veredas se deu pela primeira vez por meio do Projeto Rondon, em 1978. Depois de formada foi contratada para assumir a função de assistente social em uma organização filantrópica em Veredas. Foi também professora, entre 1984 e 1997, de uma escola de habilitação em agropecuária, geometria e mineração, na época referência na região.

7 Diferente do que pode se pensar, o coronelismo é um modo de dominação política do Brasil moderno, republicano. Para Leal (2012) trata-se de um ordenamento social do meio agrário brasileiro sob o regime representativo, quando o eleitorado rural era maior que o eleitorado urbano. Embora o autor não afirme o exato período da fase em questão, parece se referir principalmente ao Estado Novo (1930-1945), época em que remaneceu a “política de governadores” da República Velha (1899-1930) (id.). Seria a manifestação de um sistema de mando local que operou quando o poder público ganhava forças e o poder privado dos senhores de terra entrava em decadência, garantindo o eleitorado para o grupo de interesse desses últimos por meio de troca de favores (voto de cabresto) (ibid.).

rompeu com a política tradicional da cidade concentrada nas mãos de homens brancos, proprietários de fazendas, comércio ou profissionais liberais para governar junto aos pequenos agricultores, às mulheres, pessoas negras, pessoas com deficiência e pessoas LGBT. De outro lado a região é objeto de interesse de grandes corporações privadas, e apesar da controversa presença por meio da plantação de eucaliptos e exploração de minérios, como a Companhia Nacional do Lítio (CNL), continua atrair interesses não somente nacionais, mas também internacionais (Cadernos de campo, 2015 e 2018).

Quando iniciamos a pesquisa de campo em Veredas em 2015⁸ visitamos uma loja onde se comercializa principalmente as peças confeccionadas pelos jovens integrantes de uma cooperativa. Lá há uma sala onde estão expostas as obras dos artesãos do Vale do Jequitinhonha. Entre elas chamou a atenção a existência da artesã Tereza no seu estilo singelo dos desenhos em pedras que lembram a arte rupestre. Uma descrição de sua biografia acompanhava a exposição, por meio da qual podia ser constatada a sua residência na cidade. A procuramos para pedir para nos conceder uma entrevista sobre sua trajetória depois de nos apresentarmos como equipe de pesquisa acadêmica e explicar-lhe sobre o tema de nossa pesquisa. O pedido foi prontamente atendido, resultando em agendamento do nosso encontro que se realizou durante nossa estadia. Sem esperar que faça as perguntas iniciais, que dizem respeito à sua origem familiar conforme o roteiro, Tereza começou seu relato espontaneamente: “Eu sou filha de uma lavadeira, minha mãe chamava Emília e... minha mãe gostava muito de fazer o artesanato, mas naquela época ela não vendia, ela fazia por prazer né, e eu... meu pai era sapateiro (...)”. Percebeu-se de imediato que essa mulher simples, mas que expressa uma vivacidade que esconde sua idade mais avançada, é acostumada a responder às entrevistas.

Se a primeira entrevista percorreu toda a sua trajetória, centrada na construção da carreira de artesã e a relação com Frei Nicolas que se iniciou com sua entrada no Coral Cancioneiros do Sertão, espontaneamente relatados, a segunda foi realizada com o intuito de saber especificamente sobre sua atuação

8 Nesse primeiro momento a equipe de pesquisa de campo era composta, além de Yumi Garcia dos Santos, pelos então estudantes de pós-graduação e graduação Alexandre Nogueira, Erica Dumont, Juliano Fonseca e Monique Salomão, da Universidade Federal de Minas Gerais. A primeira entrevista com Tereza foi realizada em janeiro de 2015 por mim e o doutorando Alexandre Nogueira. A segunda entrevista, realizada no trabalho de campo de outubro de 2018 com equipe composta por Isabel Georges, Juliano Carvalho Fonseca, Rafael Cerqueira Pinheiro e Yumi Garcia dos Santos, foi realizada com Georges e Fonseca e Santos. Ambas as entrevistas foram gravadas e transcritas. A primeira entrevista baseou-se no roteiro de entrevista semi-diretiva elaborado no âmbito da pesquisa “Construção de alternativas sócio-ocupacionais de mulheres entre Estado, mercado e família: uma comparação regional” anteriormente citada. Já a segunda foi realizada com o intuito de obter as informações que não foram colhidas na primeira entrevista.

enquanto fundadora e presidente do PT em Veredas, fato que não foi dito na primeira entrevista e que foi posteriormente conhecido por informantes terceiros⁹. Tal informação nos despertou particular interesse depois de termos avançado no conjunto de nossas pesquisas e procurado compreender as formas de mobilização das mulheres do Vale no que chamamos de mercado político e social, atrelado ao território (Georges, Santos, Araujo E Lima, Op. Cit.; Santos, 2017). O fato de Tereza, sem ter tido a experiência de militância política, ter se tornado a primeira presidente do PT municipal nos causou espanto e fez indagar porque ela, uma artesã sem envolvimento político evidente, foi quem assumiu uma função politicamente central, apesar dela.

Apresentar nossa informante como artesã pareceu-me insuficiente para refletir a originalidade e a criatividade expressas em suas peças, o que tem me tentado chamá-la de artista. Contrariamente, Tereza nas entrevistas não se coloca como artista plástica, ou simplesmente artista, mas sim como aquela que se insere no mundo dos artesãos do Vale do Jequitinhonha (associado às condições socio-culturais regionais, ao mercado e as organizações voltadas para a categoria)¹⁰. Ao ouvir sua trajetória, é possível compreender que mesmo seu entendimento sobre o artesanato se modificou, passando de uma atividade realizada no meio familiar e comunitário para um mercado que ela passaria a se inserir enquanto representante de uma expressão cultural regional. Assim, nossa atenção se volta para compreender como se deu a “construção de si” de Tereza, que vai de par com o processo de construção de uma *personagem* que simboliza a cultura do Vale do Jequitinhonha¹¹?

9 Realizada em outubro de 2018, com Isabel Georges e Juliano Fonseca, no âmbito da pesquisa “Território, política e mercado: formas de mobilização das mulheres do Vale do Jequitinhonha” (Universal FAPEMIG Chamada 2017).

10 De acordo com Dabul (2013), que pesquisou sobre as artes plásticas nas feiras de artesanato em Fortaleza, Ceará, a demarcação da fronteira entre artista plástico e artesão é principalmente traçada pelos artistas plásticos: a criatividade de suas obras em contraponto à “repetitividade” do artesanato. Além da originalidade das obras de arte, o que se torna constitutivo na diferenciação entre o “verdadeiro artista” e os demais (artista comercial, artista popular, artesão) seria a ausência do contato direto com a venda por parte do primeiro, em uma construção do artista que se dedica exclusivamente à criação. A autora mostra como tal condição é vista como ideal para os artistas plásticos, marcados principalmente por sua condição de classe, e que na realidade esbarra com a necessidade de sobrevivência. De outro lado, os artesãos apresentam por vezes um grau muito semelhante de criatividade e originalidade com os artistas plásticos em suas obras, tornando questionável a diferenciação entre a “arte de artesão” e a “arte de artista” (Elias, 1995), talvez, nos dias de hoje. Empregamos em princípio o termo “artesã” para Tereza por ela se autodefinir enquanto tal, sem demarcar uma rígida fronteira com a arte, pela originalidade e criatividade de suas obras.

11 Tereza foi tema da peça de teatro que foi apresentado nacionalmente (2007) como também tem atraído artistas, estudantes, pesquisadores, escritores, documentaristas, ativistas culturais de várias localidades brasileiras em sua residência.

Percorremos aproximadamente 30 anos da trajetória de Tereza, da infância da primeira metade dos anos 1950 até sua idade adulta no início dos anos 1980. É possível considerar que foram nessas três décadas que ela pode cimentar uma “carreira” particular que, para além de ser uma artista nacionalmente reconhecida, se deu pela sua atuação no Coral Cancioneiros do Sertão (criado pelo frei holandês Nicolas), na vasta pesquisa que realizou sobre as manifestações musicais e religiosas do Vale do Jequitinhonha (também com Frei Nicolas), e a função de primeira presidente do Partido dos Trabalhadores de Veredas. Sua formação nos domínios cultural e político se deu fora do percurso escolar clássico, assim como pela sua não conformação ao percurso de vida esperado para as mulheres leigas em geral que passa pelo namoro/noivado, casamento e maternidade, e mais especificamente às mulheres de sua geração e meio social, regional e religioso. No caso de Tereza tal realização não teria sido possibilitado sem as dimensões da interação social com atores e atrizes que nele participaram de modo determinante: sua mãe Emília, a artesã Dona Flora, Frei Nicolas, estudantes do Projeto Rondon e militantes do Partido dos Trabalhadores; e a dos contextos históricos particulares (além do geográfico), nesse caso sendo a guinada da Igreja Católica brasileira que se volta para os pobres¹², a ditadura militar (1964-1985) e a fundação, em todo território nacional, do Partido dos Trabalhadores em 1980. Assumimos que esses contextos, que se traduziram em eventos/acontecimentos concretos que incidiram mais ou menos sobre a camada popular de Veredas, significaram especialmente para Tereza o que Hughes (1958) chamou de *turning point*. Trata-se de momentos de inflexão/bifurcação e mesmo de ruptura em relação a um percurso biográfico traçado até então pela socialização primária, fazendo com que o indivíduo passe a se definir de outra maneira em relação à educação familiar ao se deparar com eventos e vivendo experiências singulares (Dubar; Nicourd, 2017). Nosso propósito é, portanto, interpretar *como* nossa interlocutora viveu tais experiências, o que refletiu sobre

12 A fundação da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) em 1952 criou bases para a formação de diretrizes e ações voltadas para a questão social. Segundo Costa *et alii* (2010), até os anos 1980 a CNBB foi desde então orientada pela Teologia da Libertação, que fundamentava a teologia em contextos socio-econômicos, apoiada no postulado de que “embora Deus ame igualmente os pobres e os ricos, favorece os pobres em sua luta pela libertação das estruturas opressoras do capitalismo, criados pelos ricos” (Theije, 2002: 23 *apud* Costa *et alii*, 2010: 34). Organizados por Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s), seus agentes tinham como objetivo despertar a consciência política e social dos fiéis (id: 34), transformando-os em sujeitos políticos e não receptores de caridade (Sader, 1995). Em 1980 o CNBB adota a chamada linha seis que determina a opção preferencial pelos pobres por meio da realização de ações sociais (CNBB, 1980), diretriz que parece apenas sistematizar a prática da organização há quase trinta anos. A ligação da CNBB com a Teologia da Libertação enfraquece com o banimento dessa linha da Igreja Católica (especificamente latino-americana) pelo Vaticano, na segunda metade dos anos 1980.

elas e como mobilizou a si mesma e as relações sociais ao seu alcance ao construir sua carreira biográfica. Em nível analítico, tentamos articular o que Dubar (1998) chamou de trajetórias objetivas e trajetórias subjetivas: as primeiras formando as “sequências de posições em um ou mais campos da prática social”; e as segundas como um enredo (Ricoeur *apud* Dubar, id.) pessoal que se extrai precisamente no processo interativo com o(a) entrevistador(a), atualizando “visões de si e do mundo” assim como sua lógica cognitiva/afetiva e de ação.

Esse artigo é organizado, além da introdução e conclusão, em quatro seções que se traduzem em contextos sociais e eventos que constituem em *locus* de vivência, por meio do qual nossa interlocutora desenvolveu sua narrativa. Foram extraídos com base no que foi evocado por ela mesma no curso do relato da primeira entrevista, complementado pelo que coletamos como informação de outros informantes de campo, o que nos fez realizar uma segunda entrevista para pedir-lhe que nos conte a propósito. Assim, as sessões “2. Família e infância”; “3. Frei Nicolas e o Coral Cancioneiros do Sertão”; “4. Os estudantes do Projeto Rondon” derivam do nosso primeiro encontro, e a “5. O PT de Veredas e a presidência”, do segundo. Interpretamos que são marcos em sua trajetória que ofereceram condições para que Tereza reorganize sua vida, concomitantemente ao fato de que suas mobilizações nesses contextos com base em seu “modo de fazer” próprio tiveram efeitos na dinâmica social da cidade. Por fim, antes da conclusão reservamos a sessão “6. Mobilidade social localizada”.

2. Família e infância

Tereza nasceu em 1945¹³, em Veredas, sob o Brasil getulista, e cresceu na parte urbana da cidade, próximo ao centro, onde mora até hoje. Filha do sapaiteiro Otávio e da lavadeira e artesã, Emília, é a mais velha de três filhas de seus pais. Depois da morte de seu pai, quando ainda era criança, sua mãe recasou e teve mais uma filha. Tereza vive com essa irmã caçula, que é, como ela, solteira. Com muitos sobrinhos por parte de uma outra irmã que ajudaram a criar, disse que “nem precisou casamento”. Enquanto sua mãe era viva (faleceu com 78 anos) morou também com ela e sua irmã, depois de se tornar viúva do segundo casamento. Era uma mulher forte, como Tereza descreve, por ter passado por uma infância difícil de orfandade. Foi criada pela madrinha e, malgrado sua vontade, não teve oportunidade de estudar, mas desenvolveu a arte do artesanato, do canto, da declamação de poesias, se envolveu no teatro e possuía

13 Assim, na primeira entrevista ela estava perto de completar 70 anos, e na segunda estava com 73.

conhecimentos sobre raízes e chás para curar doenças. Diferente dos artesãos do Vale do Jequitinhonha, cujo aprendizado das técnicas do artesanato “vai passando de geração pra geração”, e aprende-se “com a mãe, com avó, com a tia ou porque vê um vizinho trabalhar”, não pode aprender dessa forma, mas desenvolveu um jeito próprio. Como contou Tereza, “fazia tudo cru”, não queimava as peças. Emília confeccionava peças de um jogo que era disputado na rua (o jogo chamava-se douradinha, douradão, e a peça, toco) inspiradas em figuras populares da cidade, assim como peças para presépios de Natal que ela oferecia às pessoas, sem nunca vender. Além disso Emília confeccionava figurinos e adereços das peças de “dramatização” (teatro) que seu marido organizava.

De teatro, como eu estou te falando, o pessoal do lado do meu pai que era muito festeiro e gostava de fazer. Eles falavam naquele tempo dramatização e minha mãe era dessa parte e eles falavam “a Emília tem muito jeito pra isso”. Então é minha mãe que ia fazer os vestidos de papel costurados a mão que ia pôr um pano cabeça, fazia uma rosa, ela que ajeitava as pessoas.

Já Tereza aprendeu com sua mãe a trabalhar com o barro, aos cinco anos de idade. Quando ia ao mercado percebia que as peças vendidas eram objetos utilitários e não figuras representativas como as de sua mãe. Tal observação a fez buscar por conhecimento sobre as técnicas mais elaboradas de trabalho com essa matéria-prima. Foi atrás de sua vizinha Dona Flora “poteira” que lhe ensinou todo o processo necessário, desde a coleta do barro até a queima no forno. Tereza não soube precisar a idade que tinha na época, e quando perguntada se estava com por volta de dezoito anos, respondeu “estava mais velha, né”.

Aí eu procurei a Dona Flora que era mais perto pra mim conversar mais com ela que eu queria saber onde ela tirava o barro, como que era a forma, por que nada disso a gente... porque minha mãe fazia tudo cru. Aí ela falou que “vou te levar no barreiro”, ela falava barreiro ou então “olaria” é onde lá do outro lado do afluente de Veredas. Lá tinha, tem esse barro que é de rio lá eles faziam telha, faziam tijolo, mas tudo artesanal, é diferente aqui já tem a cerâmica. Aí ela me explicou me levou lá no local me explicou “oh, o barro é aqui que tira, a gente tem que procurar tirar o barro mais profundo, não essa terra que fica por cima, ela não é boa pra trabalhar.” Ela me explicou também a ocasião de lua pra tirar esse barro tem toda assim um ritual pra fazer isso né. Que não podia ser tirado em qualquer lua porque o barro às vezes quebrava, rachava. Aí a gente tirava eu vinha com a bacia cheia de barro ela trazia também o barrinho dela né. Ela caminhava e nem suspendia mais, era corcundinha (Tereza).

Aí ela foi me explicar como que fazia um forno, ela foi me explicar que tipo de lenha que eu usava pra queimar, como que arrumava as peças, os tipos de folhagem que colocava pra queimar pra dar um brilho nas peças e com todo esse mistério do fogo, de tudo. Aí eu mandei fazer o forquinho, tá lá o forquinho lá no fundo. Tem que fazer esse forquinho no pé de barranco né. E aí ela ficou trabalhando aqui em casa. Ela fazia as coisas dela e eu fazia as minhas e quando foi no dia de queimar ela foi me explicar e eu encomendei a lenha, ela me explicou tudo, os tipos de lenha a serem usadas ela me explicou “olha, a lenha para nós queimar nosso material tem que ser lenha fraca. Fraca significa que não pode ser lenha que tem cerne, por exemplo, com marueira.” (...) Aí eu fui e encomendei as lenhas por que eu conheço muita lenha por que eu buscava lenha, então eu conheço os tipos de madeiramento também. Aí eu encomendei a lenha e no dia de queimar as peças ela arrumou as dela, arrumou as minhas, explicou tudo direitinho e como colocar esse fogo. Tinha que ser na boca do forno até as peças irem se acostumando com a quentura até a gente colocar meio fogo e depois vinha o fogo mesmo pra queimar (Id.).

Sua mãe gostava que Tereza aprendesse com Dona Flora. Sua formação como artesã não se deu por uma formação escolar especializada, como a de Belas Artes, mas com as mulheres muito próximas e posteriormente por meio de intercâmbio com outros artesãos em feiras e exposições. As várias experimentações impulsionadas pela sua curiosidade e criatividade tem estado na base do seu fazer artístico: “a criatividade tá em primeiro lugar”, como disse.

Seu pai era, também, artesão que confeccionava sapatos. A “tenda” de artesanato de couro onde trabalhavam seu pai e outros trabalhadores ficava no centro da cidade da época que hoje está em estado de abandono desde a grande enchente que ocorreu em 1979. De dia funcionava o comércio em volta do mercado municipal e à noite se transformava em zona de prostituição. Segundo descreve Tereza,

Quando era o dia que ele ia lá na tenda que todo mundo que trabalhava com sola fazendo sapato, chapéu, essas coisas, era lá na zona. E hoje essa rua foi demolida e tem lá uma bomba de gasolina; as casinhas todas foram demolidas. Lá era a zona, mas a gente podia ir lá durante o dia então o artesanato de couro era todo lá na zona. Tudo na casa lá das mulheres, né. Então a gente podia ir lá, o mercado era lá, o mercado municipal, então essa parte toda da cidade que é a ruína; agora tem o coreto. (...) A gente só não podia ir lá na parte da noite. Ali era o horário delas mesmo, das coisas, mas durante o

dia todo mundo andava lá e era respeitado. Era o centrão e hoje não existe mais a zona, né (Tereza).

Tal proximidade entre trabalho e vida noturna facilitava para que seu pai bebesse muito e permanecesse na zona, o que tornava o casamento, para sua mãe, sofrido. “Eu sempre via o sofrimento de mãe casada com meu pai, que ele bebia muito, muito, muito”, explicou Tereza para expor o motivo de permanecer solteira. Quando sua mãe precisava do dinheiro para fazer as compras não havia mais por ele ter gastado com as prostitutas, mais para ajudá-las. No relato de Tereza:

Mas, então minha mãe ia lá buscar o dinheiro pra fazer feira ele tinha gastado tudo com as mulheres. Comprava comida, “oh Tavito”, que ela chamava ele de Tavito, muita mulher me agradecia: “Deus que ajude seu pai que matou minha fome”. Às vezes pedia sem interesse nele “Oh, Tavito paga um prato de comida aí”. Ele pagava ou paga uma pinga. Então mãe ia buscar o dinheiro pra feira e não tinha uma isca de nada de dinheiro que ele tinha já bebido pagado pinga e pagado comida pra elas (Tereza).

Para alimentar a família restava à sua mãe a opção de vender os porcos e as cabras que criava: “a gente criou muito porco e aí mãe vendia e naquele tempo punha o dinheiro em uma trouxinha e guardava né. Era salvaguarda dela”. Tereza presenciou situações em que sua mãe batia em seu pai por causa do nervosismo que passava com ele. “O que matava meu pai era a cachaça por que ele não judiava, ele só falava “ah mulher, eu vou te bater”, só ele falar assim e mãe é que pegava ele e punha no chão e batia mesmo e não dava pra nada”. Para Tereza era manifestação do grande sofrimento de sua mãe no casamento. Para ela, que era criança, foi a maneira como conviveu com seu pai, mas que lhe deixou impressões negativas sobre o que é um matrimônio.

Eu vi muito, por exemplo, sexta pra sábado era um inferno por que ele bebia e gastava tudo e chegava um ponto aí eu lembro que mãe falava “toma sua filha, vai embora”. Ela me dava banho me vestia um vestido bonitinho que ela era muito caprichosa, cuidadosa e meu pai saía comigo dada a mãozinha – e eu lembro disso – pra zona. Por que lá ele tinha essas amigas esse povo e elas “oh Tavito que gracinha traz aqui pra mim ver”. Uma me dava uma coisa a outra me dava outra coisa (...). No final ele vinha aqui pra rua Mármore, uma rua que tem aqui próximo aqui da nossa rua aí ele tinha um colega que também trabalhava no couro, ele vinha comigo pra aí e acabar de chegar aqui era só passar nesse matinho e chegar aqui pra ver se mãe já estava melhor né. Ele chegava naquele cantinho assim e ela já tinha passado

todo aquele nervo, mas então eu cresci vendo essas brigas. Então sempre eu tive aquele pavor do casamento (Tereza).

Otávio faleceu antes de completar 40 anos, bruscamente. Ocorreu enquanto Tereza, quando tinha entre oito e nove anos, viajou com sua mãe e irmãs para ver seu tio, que morava para a mais de 200 km de distância. Seu pai havia ficado com sua avó paterna, que morava junto.

Meu pai trabalhou até meia noite fazendo sapato pra nós. Pra mim, Clara e Fernanda pra gente viajar. Aí mãe ficou sem jeito por que ele tinha deixado a passagem. Mãe viajou pra baixo de Boa Esperança pra baixo de Santa Rosa deixando meu pai só, mas ele era muito farrista, bebia muito, muito festeiro, gostava de comer coisas indigestas, fígado, coração de boi essas coisas, chegava tarde da rua, muito assim farrista. E a gente deixou ele só, ele trabalhou até meia noite. Com dez dias que nós saímos a gente recebeu o telegrama dele falecido.

O caminho da inesperada volta antecipada foi particularmente longa. Quando chegaram em casa seu pai havia sido sepultado há cinco dias. Tereza acredita que se sua mãe não tivesse viajado, seu pai não teria falecido pois ela saberia tratá-lo. Pouco tempo depois outra morte ocorreu na família, o falecimento da irmã caçula Fernanda, de coqueluche.

A adolescência e a juventude seguiram sem que haja necessidade de sair de casa, seja para estudar/trabalhar longe seja por casamento. Estritamente vigiada por sua mãe, não teve possibilidade de desenvolver muitas amizades, muito menos namorar. Sua vida acontecia entre a casa (com as atividades domésticas, as roupas encomendadas para lavar e o trabalho com o barro) e a igreja.

Minha mãe ela criou a gente e eu não sei o que que é baile. (...) eu não sei o que que é estar indo em clube pra dançar, por que minha mãe falava “minha filha, estou cansada, lavei roupa o dia inteiro, passei roupa o dia inteiro”. Não tinha a confiança de deixar a gente sair com uma amiga ela nunca teve, por que minha mãe era muito sistemática, criou a gente sempre de igreja pra casa da casa pra igreja, então eu não sei o que é estar indo em clube pra dançar nem estar saindo com pessoas pra estar passeando. Então minha vida mudou muito depois que eu comecei a participar do Coral.

Indagada se se relacionou afetivamente com alguém na sua vida, respondeu:

Não. Olha, muita gente pergunta e eu falo que eu tenho muitos amores. Por que eu acho que pra fazer mal o casamento não precisa a gente querer casar

a todo custo. Eu sempre via o sofrimento de mãe casada com meu pai, que ele bebia muito, muito, muito.

Emília teve uma relação que Tereza considerou boa com seu novo marido, que era mais velho e não bebia, “era uma pessoa mais da cabeça no lugar”. Mesmo assim, Tereza continuou rechaçando a ideia do namoro e do casamento “a todo custo”. O que talvez veio a colaborar na sua conformação com a proibição materna de desenvolver amizades.

Tereza vê mudanças em sua vida quando, em 1970, foi convidada para participar no coral da igreja Cancioneiros do Sertão, e no mesmo ano, em uma exposição em São Paulo (que aconteceu no SESC Pompéia) junto com os artesãos Dona Tina e Hermano, também do Vale do Jequitinhonha. Ela estava com 25 anos. Depois participou das feiras de artesanato promovidas por uma universidade em Belo Horizonte, por sete ou oito edições segundo sua contagem. Foi também convidada para exposições individuais em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. “Aí que minha vida começou a mudar”. Os dez anos seguintes constituíram para Tereza o período em que, com o rompimento com sua vida atrelada à casa, desenvolveu um lugar de atuação na esfera pública como foi pontuado anteriormente. Tal processo se deu com o encontro com Frei Nicolas, religioso holandês e fundador do Coral Cancioneiros do Sertão, ainda com pouco tempo de estadia em Veredas. Ele a convidou para um amplo trabalho junto às comunidades rurais do Vale do Jequitinhonha para registrar suas expressões histórico-culturais e religiosas. O aprendizado por meio da convivência com os moradores dessas comunidades se tornou constituinte na adoção de uma noção de pertencimento regional para Tereza, o que irá refletir em suas obras (como por exemplo as máscaras de mulheres, índias e negras que remetem o povo da região) e no seu modo de fazer política como veremos mais adiante.

A seguir uma breve trajetória de Frei Nicolas com sua chegada no Brasil e em Veredas, a criação do Coral e o trabalho com Tereza, até sua saída da cidade que nunca foi definitiva.

3. Frei Nicolas e o Coral Cancioneiros do Sertão

Frei Nicolas nasceu em 1940 na Holanda, como filho mais velho de sete crianças em uma família cujo pai era padeiro¹⁴. Seu pai era culturalmente ativo, envolvido com a música e o teatro. Não mencionou sobre sua mãe. Contou ter

14 A entrevista com Frei Nicolas ocorreu no convento onde reside, na capital mineira, em setembro de 2018, junto com o doutorando Juliano Fonseca.

sido influenciado por tios padres, principalmente um missionário e antropólogo que também se chamava Nicolas, o qual permaneceu na região do norte da Angola onde desenvolveu estudos sobre a Antropologia Bantu. Frei Nicolas atribui sua vocação sobre a religiosidade popular no Vale do Jequitinhonha aos feitos desse tio. Outro tio era professor de escola preparatória para seminário, onde Nicolas pediu a seus pais para ingressar, aos 12 anos de idade.

Ordenou frei franciscano em 1967, época que ele considerava que o mundo estava “começado a mudar, muito rápido”, com a influência do Concílio Vaticano II, que abriu uma perspectiva radicalmente diferente à Igreja Católica de até então. O sujeito da Igreja seria doravante o povo e não mais os príncipes da Igreja como interpretado até então.

Chegou no Brasil no mesmo ano, em plena ditadura militar presidida por Médici. Depois de uma passagem de três meses em Visconde do Rio Branco (MG) e três meses em São João Del Rey, participou do “curso de aculturação”¹⁵ para estrangeiros no Rio de Janeiro.

Ainda em 1967 foi enviado a Veredas, onde permaneceu por dez anos e mesmo depois de sua saída, sempre voltou à cidade com a frequência de cada dois meses. A escolha pela cidade não foi sua, mas dos bispos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Como disse, “Eles queriam... e até não escondiam de mim, ‘esses padres estrangeiros, novos, gostam de criticar, de dar opinião sobre política, e isso aí cê vai preso, cê vai ser torturado. Cê vai falar suas besteiras lá em Veredas!’”. Na época a cidade era considerada pertencente a umas das três regiões mais pobres do mundo por causa da seca, da ausência de água encanada e do alto índice de pessoas infectadas pela doença de chagas, segundo explicou o Frei. Ainda sob a influência do Concílio, no ano seguinte iria acontecer a Segunda Conferência Episcopal de Medellín (Colômbia), que declarava a “opção preferencial pelos pobres” e, na expressão do Frei Nicolas “a valorização da experiência religiosa dos pobres”. Lembremos que as mudanças paradigmáticas contra o *establishment* não somente ocorriam na Igreja Católica, mas no mundo vivia-se um processo de decolonização nos países africanos, os movimentos sociais dos negros, operários, estudantis e feministas. Foi sob esse

15 Segundo o religioso, o curso de aculturação para estrangeiro era uma cópia de um curso de formação de espões desenvolvido em Cuernavaca no México e, no Brasil, era tutelado pelo Conselho Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). No curso, além da língua portuguesa, era ensinado a “história do Brasil, literatura brasileira, músicas de Caymmi, além de lidos recortes de jornais”. Foram realizadas diversas visitas a locais representativos a cultura do Brasil como, por exemplo, terreiros de candomblé, o Maracanã, dentre outros. Ele citou ainda, diversas palestras feitas por estudantes brasileiros em que era dito que a solução para o país “era [criar condições para] um novo Vietnã”. Segundo o Frei, para os quase 40 alunos não serem “pegos” pelo Ato Institucional Número Cinco (AI-5) e serem deportados, tiveram que sair correndo.

espírito de crítica radical é que o jovem frei foi ao Vale do Jequitinhonha onde pode colocar em prática o discurso proferido pelos defensores da nova Igreja, direcionando seu olhar sobre o modo de vida dos pobres no Brasil.

Isso o fez voltar a atenção às expressões culturais populares do Vale do Jequitinhonha, levando-o a gravar em três fitas cassettes os cantos desprezíveis da cozinheira da casa paraquial onde residia. Para ela foi uma surpresa que o religioso estrangeiro tenha se interessado a algo que não era percebido nem valorizado na região por ser oriundo da cultura popular. Contudo, foram essas canções que se tornaram repertório quando fundou o Coral Cancioneiros do Serião em 1970, causando espanto aos integrantes, que exclamavam: “Mas, o Frei Nicolas está cantando conosco que as músicas que minha mãe canta com as lavadeiras na beira do rio!”. A ideia do Frei era de cantar os cantos populares religiosos nas missas e nas atividades externas à igreja e por essa razão seria necessário possuir um repertório das canções conhecidas da região. No relato de Tereza:

Depois veio o Frei Nicolas que é um padre holandês morar em Veredas. Da Holanda diretamente ele foi mandando aqui para o Vale como missionário. E logo aqui, ele teve a ideia de fundar um coral. As primeiras músicas ele aprendeu lá com a Dona Rosa, que era cozinheira deles. Às vezes ela estava tomando banho no banheiro que era próximo à cozinha e ela estava cantando e as cantigas ele ficava escutando e falava assim “oh Rosa canta mais que tá bonito!”. E ela era daquelas velhas atirada “ah, não tá bonito nada”, e parava. Aí ele punha coisa naquele “ah, Rosa canta”, “não tem nada bonito aqui não”. Aí no fim ele elogiava demais e aí foi adoçando ela e ele via nas cantigas a vida do povo ali nas cantigas. Ele começou a gravar com ela e logo assim, ele pôs um cartaz na matriz, né, que ele estava com vontade de ter um grupo de jovens para poder cantar nas missas e cantar o folclore. Ele não gosta nem de falar folclore, né, porque isso é muito mais do que isso. Aí logo assim, ele pôs esse cartaz e pediu, aí ele juntou lá um grupinho e já tinha esse grupinho lá cantando (Tereza).

Tereza entrou no Coral convidada por um amigo vizinho, pois Frei Nicolas havia pedido para que cada membro levasse uma pessoa nova. “E ele veio me convidar aí eu era muito acanhada e convidei a outra vizinha pra ir comigo e fui”.

E quando eu chego lá eu comecei a observar que o que cantavam a minha mãe cantava em casa. Minha mãe estava lavando ela tava cantando, ela estava passando roupa ela estava cantando. Era coisas que eu sabia. Aí eu cheguei aqui em casa igual uma vaca brava por que mãe me falou né “moça

você tá igual uma vaca brava”, “oh, mãe o padre cantava isso, o padre canta aquilo.” Logo os toques de tambor já me deu aquela coisa forte, aquela coisa bonita dentro de mim. Aí eu comecei a por mãe azucrinada “canta esse canto de roda” e ela me chamava “moça chata, moça enjoada” por que eu perturbava ela demais pra ela cantar e eu copiava. Ela cantava e eu copiava e levava pra ele, “olha aqui o que eu trouxe”. E ele ia recolhendo e aquilo ele foi me estudando, ele foi vendo assim, o gosto que eu tinha pela coisa. Ele foi observando e observando aquilo e chegou num tempo ele falou assim, “você quer trabalhar comigo?” (Tereza).

A empolgação de Tereza fez com que ainda com poucos dias cantando no Coral fosse convidada pelo Frei Nicolas para realizar a pesquisa sobre os cantos e batuques populares do Vale do Jequitinhonha. Foi a única convidada para tal projeto, pois “quem tinha lá o gosto pela coisa era eu”. O único obstáculo parecia ser o de obter a permissão de sua mãe.

E minha mãe como toda vida era sistemática, aí eu falei “oh mãe o padre está pedindo pra trabalhar com ele”. “Pra trabalhar como?” Aí eu expliquei: “essas músicas que a senhora está dando, ele tá gostando e o coral tá cantando lá”. E ela falou “ah minha filha se ele tá gostando você que sabe, pode trabalhar”. Eu achei até difícil ela falar pode trabalhar (Tereza).

Era Tereza que gravava a maior parte das coisas e transcrevia, levando o Frei às comunidades rurais e trabalhando depois na casa paroquial com ele e, às vezes, em sua casa.

Aí eu comecei ir trabalhar, aí ele logo me deu um gravador e eu não sabia nem como usar um gravador e ele me explicou tudo, né. E aí a gente começou a trabalhar juntos sobre a cultura popular do Vale do Jequitinhonha. (...) eu comecei a carregar ele para as casas das pessoas por que isso pra mim foi muito fácil por que eu sou povo. Fui criada nessa rua, fazia fogueira, a gente fazia batuque, a gente cantava e contava história (Tereza).

O resultado desse trabalho foi de registrar as expressões da religiosidade popular, como as 2500 rezas, 700 estórias, 1000 versos e 2000 provérbios, primeiro escrito a mão, em seguida, datilografado e digitalizado, que se tornou a obra de vida de Frei Nicolas¹⁶. Frei Nicolas admite que a atuação

16 O trabalho teve aval do CNBB (cujos bispos eram adeptos à Teologia da Libertação), mas, como afirmou Frei Nicolas em entrevista, “eles me liberaram, mas sem saber o que eu ia fazer”.

de sua colaboradora foi de importância crucial, pois nas comunidades rurais havia uma resistência a direcionar a palavra diretamente ao religioso, inclusive para contar sobre o verdadeiro sentido das expressões populares. Como explicou:

Se o padre perguntar a uma pessoa o que é espinhela caída, com certeza ele vai responder o que ele pensa que o padre quer ouvir. Então, nessa parte a Tereza muitas vezes... as pessoas muitas vezes falavam, olha eu posso falar pra senhora e se a senhora vê que serve pra ele, pode dar. Às vezes, ela mesma falava olha o Frei quer aprender, ele gosta, e os que tinham coragem, com autonomia, resolvia dar confiança (Frei Nicolas).

As idas às comunidades rurais incluíam as missas e rituais como os batizados, e enquanto o religioso se dedicava a eles, Tereza chamava as pessoas mais velhas para pedir para contar histórias e ensinar os cantos.

Se a gente não tivesse feito esse trabalho de pesquisa, nós gravamos duzentos e cinquenta fitas cassete, mais de um metro e meio de papel por que aquilo tudo era escutado das fitas pra mim transcrever que hoje esta tudo em CD. Então o que o coral mostra no Rio de Janeiro, São Paulo, é isso aí. Eu viajei o Vale todo junto com Frei Nicolas. Ele ia para celebrar as missas e eu aproveitava na hora dos batizados chamava as pessoas mais velhas, “conta uma história, a história que o senhor sabe de escravidão, qual é o canto de roda que o senhor sabe, qual é o canto de trabalho que o senhor sabe”. Os cantos de trabalho são lindíssimos. Os cantos de beira mar, os cantos de boiadeiro, os cantos de tropeiro que Veredas antigamente os meios de transporte era por canoa, eu alcancei canoa ainda ele saía daqui e ia até Belo Monte levando mercadoria até a Bahia. As tropas que eram os burros levavam os filhos dos ricos para estudarem em Diamantina, as tropas iam levando mercadoria e trazia de lá o que aqui não tinha de lá. Então existe esses cantos de trabalho. Canto pra apanhar arroz, canto pra derrubada. E os cantos de beira-mar sempre tá retratando a namorada que o canoeiro tá deixando remando e cantando. Tá deixando a namorada pra trás, tá deixando a família, então são cantos melódiosos. ‘Quem tá indo para o trabalho, da elegância vai passando, vai dizer para meu amor que a saudade tá me matando. Rio abaixo rio acima tudo isso já mudei vou descendo rio abaixo numa canoa furada, numa coisinha de nada. Rio abaixo, rio acima, tudo isso já andei procurando amor de longe que de perto eu já deixei’. São versos então que nesses versos fala da vida do povo (Tereza).

As idas às comunidades parecem ter feito geminar dentro de Tereza um sentimento de pertencimento a uma “comunidade imaginada” no sentido cunhado por Anderson (2008), quando o autor se refere à definição de *nação*. Ainda que se trate de outra escala, as expressões populares das comunidades rurais que conheceu, como os cantos, os batuques e as estórias são familiares a Tereza e compartilhado com os demais membros. Como afirma, “As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas” (id.: 33). Nesse sentido, é possível reconhecer o que há em comum entre os membros, mesmo sem tê-los conhecido pessoalmente (id.: 32-33). A carreira biográfica de Tereza ganha um novo alento quando se descobre parte integrante dessa “comunidade imaginada”, reconstruindo-se enquanto artesã do Vale do Jequitinhonha.

A relação entre Frei Nicolas e Tereza nessas incursões foi de colaboração e de troca baseada em uma relação não mercantil, o que não seria familiar no contexto cultural dele. Mesmo que isso lhe custasse a desconfiança por parte de certas pessoas, insistiu colocar em prática o modo de vida popular da região, conforme sua convicção:

Foi muito interessante que ela nunca desejou uma relação empregatícia. E eu aprendi que quando entre as pessoas do povo um faz um favor para o outro, ele sabe que daqui a pouco o outro faz o favor pra ele, e assim eu construí o muro na frente da casa que tava roubando as roupas, assim eu construí a casa dela... Já que ela não queria pagamento, ela queria me ajudar e eu ajudava ela, e foi assim. Eu sofria assim as críticas dos colegas que acharam que eu estava explorando ela, mas pra mim foi um extraordinário esforço para, para fazer dentro da cultura dela, e fazer isso como uma das possibilidades. *Na realidade nós crescemos juntos assim* (Frei Nicolas).

Mesmo depois da saída do Frei Nicolas de Veredas em 1977¹⁷, os dois mantiveram uma profunda amizade. Frei Nicolas vai ao município a cada dois meses e celebra a missa da Festa do Rosário, em outubro. Não é mais um estrangeiro, mas membro da comunidade. Continuam até os dias atuais o trabalho conjunto de difusão dos pensamentos desenvolvidos a partir da experiência da pesquisa e outras, cada qual na sua área de atuação (o Frei como religioso, Tereza como artesã), em Belo Horizonte e alhures.

17 Depois de sair de Veredas mudou-se para a comunidade de hansenianos em Betim, Minas Gerais onde permaneceu até 1993. Em seguida permaneceu em uma comunidade de hansenianos em Belo Horizonte, para depois mudar-se para o convento dos franciscanos em Belo Horizonte.

4. Os estudantes do Projeto Rondon

Foi um tanto surpreendente saber, pelos relatos de Tereza, sobre o que significou a estadia dos estudantes de um projeto vindo da ditadura militar, colocada de maneira positiva. É o caso de compreender do ponto de vista de uma habitante da região que se tornou objeto de intervenção pelo Projeto Rondon, que apresentava um discurso nacional desenvolvimentista. Para Tereza, a permanência dos estudantes que estiveram em Veredas permitiu mais uma importante interação com pessoas estrangeiras, fazendo-a se perceber artesã representante de uma cultura local capaz de se projetar no mercado nacional.

Inspirado nas expedições de Marechal Rondon entre o final do Século XIX a início do Século XX, o Projeto Rondon foi instituído sob a ditadura militar em 1967 como resultado de uma iniciativa de um professor da Universidade de Guanabara (atual UERJ) e militares (Rosenbaum, 1971). O Projeto consistia em levar estudantes universitários para as regiões do norte e oeste do Brasil enquanto estagiários durante as férias, fornecendo serviços assistenciais à população das áreas mais remotas e fronteiriças do país (incluindo regiões com importância fluvial, o que seria o caso de Veredas) (id.). Contudo, seu real objetivo era, segundo apontado por Rosenbaum (ibid.), desviar as revoltas dos estudantes contra o regime e direcioná-los a um desenvolvimento “responsável”, associada à política de integração nacionalista. Assim, afirma: “Esse esforço brasileiro para a socialização política e pacificação dos estudantes tem se chamado Projeto Rondon”¹⁸ (id.: 187). Tratava-se também integrar, e dessa forma disciplinar a população dispersa localizada nas regiões estratégicas do país.

Em Veredas o Projeto foi implementado em 1973 por meio de convênio com a diocese da cidade, os estudantes alojados na residência do bispo, criando o Campus Avançado, que teve duração de dez anos. Participaram nele universidades públicas e particulares do sudeste do país. Tereza conviveu com os estudantes do Projeto a pedido do diretor do Campus Avançado por ela já conhecer bem as comunidades rurais. Assim, ela levaria os estudantes, particularmente os do Jornalismo, para tais lugares.

O diretor deixava eles viajarem comigo, dava carta pra eles viajarem comigo por que eu fazia um trabalho de pesquisa e o diretor do Campus achava interessante eles de serem jornalistas estarem junto comigo vendo a pesquisa.

18 Tradução livre de: *This Brazilian attempt to student political socialization and pacification has been named Project Rondon.*

Nós íamos pra Tum Tum pras comunidades e eu ia com gravador e eles davam carro, às vezes a gente ia de ônibus e eles mandavam depois o carro buscar a gente na estrada. A gente vinha a pé até na estrada e o carro vinha buscar. Outras vezes quando tinha carros desocupados por que os carros também tinham que trabalhar, aí mandava levar a gente nas comunidades, eu ia pra fazer o trabalho de pesquisa e eles iam pra ver como eu fazia o trabalho (Tereza).

Os estudantes por sua vez trouxeram outros olhares sobre as manifestações culturais locais e, especificamente, sobre o trabalho artístico de Tereza. Ela conta como foi esse contato, destacando o papel de alguns deles (que vieram a ser jornalistas de grandes emissoras televisivas do país) na valorização do artesanato local.

E João [que se tornou jornalista de emissora televisiva] tinha essa casinha aqui um pé de arvore aqui, João que reunia com a gente e ensinava a gente pôr preço nas peças e foi a turma que logo atirou de vim. A turma de jornalistas na época eles eram estudantes e eles questionavam muito, então você sabe os grandes da cidade logo mandaram tirar e os jornalistas, foram os primeiros a serem mandados embora por que parecem que estavam muito próximos da gente. É quem ensinava a gente a pôr preço, que falava do valor do trabalho da gente, foi tanto que quando eles foram eles falaram que esse pessoal depois que eles estavam com a gente o barro tinha virado porcelana. Por que eles não valorizam e os meninos ensinavam a gente a valorizar e falavam pra gente que tinha valor o trabalho da gente. João não saía daqui e ficava aqui até terminar uma peça, o que a gente comesse eles comiam (Tereza).

O Projeto Rondon em Veredas teve esse efeito de misturar os jovens dos centros urbanos e do interior distante do país, em uma troca de maneiras de ver a vida material, cultural e social da região e agregando valor mercantil ao artesanato. Essa interação levou à comercialização das obras, prática então inexistente na região, e bem recebido por Tereza. Quando ela e outros artesãos da cidade foram convidados a participarem de feiras na capital do estado, os estudantes os acompanharam e ajudaram na venda.

E depois foi as feiras na Católica que aí iam dois ônibus com artesão e, além disso, a gente levava cozinha, a Associação [de artesãos] levava carne de sol pra vender, requeijão, queijo, vários tipos de doce, pinga, então tinha a baraca dos comes e bebes e esse dinheiro aí que arrecadava era para a própria

Associação e das nossas peças cada artesão tinha sua barraquinha e tinha sempre um estudante junto com a gente. Porque eu pelo menos não sabia nem como vender não tinha noção de nada, os meninos tinham que estar por perto de todos os artesão para ajudar a vender (Tereza).

Logo a gente ficou conhecido e começamos a receber convite para exposição individual como meu caso, eu fiz muita exposição individual (...) (Id.).

A bibliografia brasileira é muito tímida para trazer um ponto de vista crítico sobre o Projeto Rondon do regime militar (1968-1989), deixando no plano hipotético sobre o seu objetivo de desviar o foco dos estudantes na resistência contra o governo. Tratava-se de compreender como era procedido. Foi necessário ter acesso aos escritos de Rosenbaum (1971), autor estadunidense, para que seja claramente apontada como estratégia de controle social dos estudantes, fundamentados em pesquisa qualitativa e documental. O que visou-se desenvolver nessa seção é como uma política disciplinar sobre os jovens e até de buscar simpatia destes para o regime pode trazer consequências não intencionadas e deslocadas dos interesses dos sujeitos diretamente implicados. É certo que provocou, por meio da mercantilização do artesão, por exemplo, um movimento de modernização/integração dos artistas locais à lógica do mercado. Mas, de outro lado, formou, direta ou indiretamente, lideranças futuras de diversos setores (cultura, política) consideradas de esquerda (o que foi o caso de Tereza e de Cida como se verá adiante)¹⁹.

5. O PT de Veredas e a presidência

Foi um tanto difícil imaginar a função de presidência que Tereza ocupou quando o Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado em Veredas em 1981²⁰, pois tal informação não saiu espontaneamente de sua parte, e em nenhum momento da primeira entrevista tocou em algum assunto político. Mas, quando solicitada em nossa segunda entrevista²¹ para nos relatar sobre

19 Um estudo mais aprofundado sobre os desdobramentos culturais e políticos do Projeto Rondon na região deve ser realizado, por meio do exame, por exemplo, de organização de festivais.

20 O Partido dos Trabalhadores foi fundado há quase 40 anos tendo como principais sujeitos os militantes do Novo Sindicalismo urbano, dos movimentos sociais populares, do catolicismo progressista e intelectuais, e foi registrado no Superior Tribunal Federal Eleitoral em 10 de fevereiro de 1980 (Meneguello, 1989; Partido Dos Trabalhadores, 2018).

21 Entrevista realizada por Juliano Fonseca, Isabel Georges e Yumi Garcia dos Santos em 22/10/2018. Nesse dia Tereza estava muito preocupada porque Frei Nicolas havia sido operado, mas depois de uma ligação por ele recebida que a cirurgia havia dado certo, não havia tido mais notícias por alguns dias. Justamente durante a entrevista ela recebeu o telefonema tão esperado.

tal experiência, seu *feedback* foi de nos contar com bastante precisão sobre o processo de fundação do partido na cidade e de seu funcionamento em um contexto nacional do regime militar e, em nível regional, do coronelismo que sustentava a política local. Da mesma forma se posicionou sobre o modo como levou à frente a liderança do partido naquele contexto adverso com relação à classe popular.

No início dos anos oitenta um padre convidou Tereza para participar de uma reunião – um “encontrão”, como disse – na cidade de Teófilo Otoni, uma cidade maior a 235 km de Veredas. Foi somente chegando no local é que soube que se tratava da fundação do PT no Vale do Jequitinhonha. Ela entende que o convite lhe foi direcionado por ser membro do Coral Cancioneiros do Sertão, na época sua atuação junto com Frei Nicolas nas comunidades rurais já tendo ganhado notoriedade. “Lá era pra falar de política. Eu pelo menos fiquei surpresa. A gente não ligava mesmo pra política. (...) A gente não tinha aquele conhecimento, das coisas”. As mulheres de sua família, como sua avó, sua mãe e sua madrinha teriam se interessado por política²², e em sua infância as acompanhou aos comícios, mas se tratava de apoiar candidatos conservadores e não havia se inclinado para tal depois de adulta. De fato, as pesquisas realizadas com o Frei Nicolas e o contato com os alunos do Projeto Rondon, levando-os às comunidades rurais e, nessa interação, passando a adotar um olhar que pudesse valorizar a cultura popular a fez adotar uma posição em que seria capaz de criticar a política vigente. Mas, a costura dessas relações não foi considerada, pelo menos no relato, como ato político, pois se deu unicamente pelo entusiasmo que aflorou quando surgiu a oportunidade de apresentar aos estrangeiros sobre o que já fazia parte de si, a cultura do povo do Vale do Jequitinhonha. Malgrado a ausência de intenção política *strictu sensu*, suas andanças nas comunidades rurais terminaram por soldar as mobilizações de resistência das comunidades rurais e populares, já existentes em algumas delas²³ e legitimar sua capacidade aglutinadora.

22 No Brasil o direito ao voto das mulheres é conquistado em 1932 no Código Eleitoral e incorporado na Constituição de 1934.

23 A comunidade rural de Tesouras aparece como “o berço das discussões” que envolviam as questões do cotidiano da população rural da cidade. Foi dessa comunidade que surgiu o primeiro candidato a prefeito pelo PT e sua vice (chapa Camilinho, trabalhador rural e Rita, lavadeira) e o primeiro vereador de Veredas eleito pelo PT, Zezé das Tesouras (José Alves dos Santos). Trabalhador rural e líder comunitário de Tesouras, Zezé, como é conhecido, fundou uma associação em 1980 inicialmente com o objetivo de criar um cemitério e depois infraestrutura como estrada (ainda de terra), equipamentos de saúde e de educação (como a 4ª série do ensino fundamental, na comunidade) (Cpced, Canal Sempre, acesso em 9.3.2018).

As lideranças do partido perceberam a importância de tal implicação de Tereza, mas ela mesma não considerou possuir vocação para assumir a função de presidência do partido. Porém, ela relata:

Os outros nenhum quiseram. Então eu tive que ficar sendo presidente. Uma presidente que ainda não sabia dessas *manha* da política. Porque todo mundo que tava no Partido eram pessoas simples demais; era lavadeira... era assim pessoas que não tinham estudado, que não tinha *manha* da política, porque política não é fácil, não é! Não é fácil de jeito nenhum (Tereza).

A “*manha da política*” adequada naquele momento não era de discursar em público, mas exatamente o que Tereza sabia bem fazer graças à experiência da pesquisa, o de ir de porta em porta conversar com as pessoas das comunidades, apresentar o programa do Partido e filia-las. Era esse contato de uma pessoa do “povo” para as pessoas do mesmo meio social que condizia também com os objetivos iniciais do partido, em termos de concretização da sua fundação na região por meio da filiação. Ademais, se tratava de uma atividade com forte caráter clandestino, exigindo cautela e discrição nas ações:

Então quando estabeleceu, esse PT, Sônia [do coral] trabalhava lá [na Associação Comercial, ligado ao partido do *establishment* da cidade, como secretária], a papelada que vinha [de Brasília, de Belo Horizonte] eu dava a ela porque eu não sei datilografar. Não tinha nem computador na época. Então levava a papelada lá e esperava os fazendeiros sair... só tinha gente que era do contra. Então ela batia os papéis pra mim. Aí lá ela via eles comentar: “Ah, diz que tem um partido aí que chama PT”, e ela escutando, né, “quem tá mexendo com esse partido”? “Ah uma moça que anda aí com um padre”. Era eu! (risos) Porque eu andava, viajava com Frei Nicolas pra zona rural pra fazer a pesquisa, ele vinha aqui em casa, então a gente andava muito junto! Então quando surgiu a conversa que estabeleceu do PT na cidade... Porque eu não alardeava nada, eu só ia de casa em casa. Era o meu papel porque eu não sei ir no palanque anunciar política. O meu papel é mais de conscientizar as *pessoa*; esse trabalho mais que foi o meu, e de filiar” (Tereza).

Indagada se não encontrava resistência das pessoas, negou, e ponderou que alguns funcionários públicos ficavam com medo. Seu argumento para atrair novos membros era de que um novo partido estava sendo criado e que seu objetivo

era agir, como disse, para “a bem de todos, não a bem como era... a gente via como que era a política do cabresto (...) de dar as coisas, de comprar voto”. E continuou contando sobre sua preocupação de manter o Partido puro em termos de classe:

(...) eu tinha medo da infiltração dessas pessoas dentro do Partido. Então era muito restrito porque eu ficava... eu tinha medo deles tomar o Partido da gente. (...) Às vezes tinha uns meninos que achavam que eu era um pouco... é... como é que fala é... (...) Porque vinha pessoas que queriam entrar, mas eu vi que não era gente pobre. E aí eu tinha medo, ficava com pé atrás, na frente (...). Eu tinha medo que deles tomarem o Partido, eu achava que aquilo não era sério, deles entrarem no Partido porque aquilo não era seriedade deles, era mais é pra tomar, sabe, e depois revirar da maneira como eles queriam. Então o Partido não cresceu muito nesse sentido. Ficou naquele grupo pequeno²⁴ (Tereza).

Não gostando de se expor como liderança política, Tereza procurava os membros que ela considerava ter “o dom da palavra”, contando com pessoas já atuantes nas mobilizações locais e que Tereza chama de “gente do povo”. Recebia visitas de fundadores do Partido de outras cidades do estado para ajudar na parte burocrática, assim como no aspecto de sua operacionalização, como fazia frequentemente o médico-sanitarista e ambientalista Rogério²⁵, que a encorajava no modo como dividiu as funções no interior do PT. Na época, ela não estava totalmente livre da preocupação de não se considerar dotada da capacidade de estar “nos palanques falando”, mas a palavra de Rogério legitimou seu modo de operacionalizar as funções políticas enquanto era presidente. Como revelou:

24 O cuidado da então presidente de deixar o PT de Veredas blindado contra os membros da política dominante (assim como pessoas que não era da região, como destacado no enxerto de sua fala mais anteriormente) em detrimento do seu crescimento, mantendo o “puro” aparece como uma das fontes de solidez e coesão no seio do partido, assim como seu modo de operação política. Dessa forma, foi desenvolvida uma forte identificação com o “povo”, em contraponto aos coronéis e fazendeiros. Reflexo disso aparece no fato de que depois de tentativa anterior, foi somente em 1996 que se elegeu uma mandatária pela sigla, com a eleição de Aparecida (Cida). Uma vez no poder o PT de Veredas se manteve no governo por dezoito anos, mesmo no recente contexto de adversidade contra a sigla com a reeleição do atual prefeito em 2016. A questão da governamentalidade petista no Vale do Jequitinhonha é tema da pesquisa atualmente desenvolvida na região (Chamada FAPEMIG 01/2017 “Território, política e mercado: formas de mobilização das mulheres do Vale do Jequitinhonha” Coordenação Yumi Garcia dos Santos).

25 Segundo Tereza, o médico Rubens, um dos fundadores do PT entre outras atuações políticas importantes no estado de Minas Gerais, visitava frequentemente o Vale do Jequitinhonha para “prestar assistência” aos diretórios municipais da região.

Ele foi me falando assim: “Tereza, o seu papel é muito importante. A gente precisa no Partido de pessoas que tem a capacidade que você tem, na capacidade do outro que tem de alardear política... pode ficar tranquila”. Porque eu tinha medo dele. Porque ele era uma pessoa exigente (Tereza).

Em 1980 a futura prefeita Maria Aparecida, recém-formada em serviços sociais, se mudou para a cidade por ter sido contratada por um órgão assistencial da cidade. Cida não se filiou de imediato ao PT, mas com o seu conhecimento do Direito, diploma que obteve depois dessa mudança, passou a fornecer orientações políticas e jurídicas. Tal entrosamento deu um novo alento ao Partido no município, ganhando volume e organização.

Cida veio depois. Porque Cida veio aqui como estudante do Campus Avançado. (...) Depois Cida foi embora, o Campus saiu daqui (...). E aí Cida começou a ingressar em grupos na zona rural..., e aí depois do PT fundado e aí veio Cida que entrou no Partido. Que entrou no Partido, e aí ela começou a reunir com a gente também, dando mais esclarecimentos pra mim, pra Sônia... tinha as reuniões, né. E aí o Partido foi crescendo. Entrando mais pessoas, foi crescendo que ela, o Partido organizou melhor, em sentido de ter uma pessoa, e ter uma pessoa lá dentro assim com experiência. (...) E com isso ela se candidatou e foi eleita. E com isso o Partido cresceu mais (Tereza).

Tereza pondera que de maneira proporcional ao crescimento do Partido em termos de quantidade de filiados, principalmente depois que Cida se tornou prefeita, se deu também uma “decadência”, tendo se transformado em *locus* de “picuinhas” e jogos de interesses que desviavam do espírito inicial do partido, qual seja, uma política que visa a justiça social. “Muita gente começou a entrar no Partido por outras intenções”, explicou. Algo que Tereza, quando presidente lutou a todo custo para que não acontecesse. Nos momentos de maior tensão Cida chamava os fundadores do PT como a própria Tereza, Sônia e outros para contar aos recém-chegados como o partido havia sido fundado; um partido que começou pequeno com os membros do Coral, as lavadeiras e os originários das comunidades rurais.

O perfil da liderança do PT viu se transformar a partir dos meados dos anos 90 para grupos de classe média e profissionais liberais urbanos, acompanhando as transformações programáticas e organizacionais rumo à sua burocratização,

culminando na eleição de Lula para presidência, em 2002 (Novaes (1993), Rodrigues (1997) *apud* Amaral, 2010: 53-54).

Deve ser ressaltado que a despeito da presença da liderança feminina na agremiação em Veredas desde o início de sua fundação, a presença das mulheres na liderança do PT de modo geral é de fato minoritária em comparação aos homens, por haver uma maior valorização destes e às dificuldades das militantes de conciliar múltiplas jornadas (Amaral, 2010: 88; Ribeiro (2008) *apud* Amaral, Op. Cit.: 88-89). Nesse sentido, a condição de solteira e a não necessidade de dedicar-se à maternidade de Tereza (e também de Cida) favoreceu em parte seu lugar. Parece também refletir uma realidade regional apontado por Miguel e Queiroz (2006: 366), de uma maior proporção de sucesso político local de mulheres (nesse caso mais especificamente a eleição de vereadoras e prefeitas) nas regiões “menos desenvolvidas” do país, notadamente as regiões Norte e Nordeste, não necessariamente motivada pelas leis de cotas para candidaturas femininas adotadas em meados dos anos 90²⁶. Tal tendência contrariaria o senso comum e vários estudos, que estabelecem uma relação positiva entre o grau de desenvolvimento (econômico ou em termos de “desenvolvimento humano”) e representação política feminina (id.). No artigo os autores não alcançaram explicar a razão do fenômeno que favorece as mulheres, tendo suas hipóteses refutadas (associação das candidatas com partidos conservadores, alta escolarização das candidatas e afinidade por parte do eleitorado feminino). O modo de fazer política de Tereza – o diálogo olhos nos olhos, individualizado, como exige o exercício de um poder pastoral (Foucault, 1978) – pode ser uma delas.

Com o crescimento do partido Tereza se afastou da militância, embora tenha continuado a ser filiada. A experiência enquanto presidente foi difícil e cansativa, além de sua mãe constantemente a pressionar para que abandonasse a atividade. O clima era de apreensão, principalmente depois do sequestro de uma professora do PT que ia frequentemente à zona rural. O próprio bispo a alertou para não mais sair sozinha. Tereza considera que ela não foi acometida pelos adversários por não ter se envolvido em brigas políticas, mantendo o seu modo de abordagem visitando e conversando com cada um que compunha a população rural, exatamente como fazia quando visitava as casas das comunidades com Frei Nicolas.

26 “A Lei no. 9.100 de 1995 determinou que 20% das vagas das listas partidárias para a Câmara de Vereadores fossem preenchidas por mulheres” (Miguel; Queiroz, 2006: 365). A Lei no. 9.504 de 1997 ampliou essa proporção para 30%, e é aplicada não somente para eleições municipais mas também para estaduais e federais.

6. Mobilidade social localizada

Tereza viveu o que podemos chamar de uma mobilidade social localizada, sem nunca ter saído da rua onde cresceu, sem nunca ter passado por uma mudança geográfica que permite acessar contextos socio-espaciais que favorecem lograr uma posição de *status*, não se limitando ao econômico, mas principalmente moral. Contrapontos podem ser feitos com relação a outros atores e atrizes com quem ela se relacionou em sua trajetória como foi o caso de Frei Nicolas, os estudantes do Projeto Rondon assim como as mulheres que estiveram na liderança política da cidade ocupando cargos nos governos petistas, em número importante vindas de fora do município (Georges *et alii*, 2017; Georges; Santos, 2019, no prelo). A mobilidade social de Tereza é tampouco atrelada ao econômico (ainda que tenha tido efeitos materiais), significando uma construção cultural-política. Ela se deu por ter descoberto o que se pode fazer com o que já era acessível – primeiro pelo aprendizado do artesanato com sua mãe para depois aprimorar-se tecnicamente com Dona Flora. Mais tarde o contato com Frei Nicolas no Coral a estimulou para uma busca mais ampla de referências que faziam todavia parte do seu universo familiar: as cantorias, os batuques e as rezas populares. O trabalho conjunto marca um importante *turning point* em sua trajetória, que pela primeira vez passa a realizar uma atividade fora do seu âmbito familiar-doméstico e revisitando sua origem social nas comunidades rurais. Essa experiência faz Tereza se descobrir as referências que possui em comum com os habitantes. É o início da década de intensa atividade que desencadeia em uma projeção inesperada na esfera pública, não somente como artista mas como liderança política.

A convivência com os alunos do Projeto Rondon já lhe confere um lugar de referência pelas suas atividades tanto artísticas como de pesquisadora nas comunidades rurais, mas se torna outro momento de inflexão em sua carreira por possibilitar não somente apresentar aos estudantes a vida da população do Vale do Jequitinhonha, como também pode sair de Veredas e expor e vender suas obras nas metrópoles brasileiras, abrindo o caminho para sua consagração nacional. Tal projeção se faz por meio da associação de suas obras com o contexto regional, da qual é originária.

Não por acaso foi indicada para ser presidente do partido em fundação no município. Apesar de afirmar que não conhecia “as manhas da política”, possuía a competência para ir à zona rural e fazer o trabalho de conscientização e de filiação, como explicou.

É possível supor que a liberdade que Tereza possuía para transitar nesses espaços só se deu pela sua condição de solteira. Nesse aspecto, sua trajetória foge

de qualquer conformação às normas sociais esperadas para uma mulher, que seja dentro da tradição católica como na cultura rural e popular, que passa pelo casamento e a maternidade. Desenvolveu uma atividade de trabalho própria sem vínculo empregatício e relações afetivas próprias. O fato de ter se engajado muito cedo na produção de cerâmicas parece ter lhe ofertado uma autonomia moral que, combinada com uma referência negativa do casamento vinda do sofrimento de sua mãe, dispensava que a construção de sua vida adulta passasse pelo casamento (a qualquer custo) e a maternidade.

Para Becker (1963/1991: 27), o impulso para se engajar em uma prática desviante não é algo excepcional e diz respeito à vontade da maioria das pessoas. Mas, o indivíduo sempre irá medir as consequências de não agir conforme as normas sociais, pois seu esforço ao longo da vida tem sido o de conter tais impulsos, aprendizado adquirido no processo de socialização. O autor nos explica como, então, uma pessoa que não age conforme convenção pela sociedade faz para, apesar de sofrer o impacto de ter evitado se aderir às normas sociais, segue evitando-as. Isso se relaciona, segundo ele, ao grau de envolvimento do indivíduo com as convenções sociais que é (ou não) acompanhado pela preocupação de manter a reputação ou um emprego. Na ausência dessa preocupação, não é necessário estar conforme as normas. Em suas palavras:

Primeiramente, no decorrer do crescimento uma pessoa pode de algum modo ter evitado se conformar com as convenções sociais. Ele pode, assim, estar livre para seguir seus impulsos. Uma pessoa que não tem uma reputação para manter ou um emprego convencional para preservar pode seguir seus impulsos. Ele não tem nada que o obrigue a continuar aparentando ser convencional²⁷ (id.: 28).

A própria mãe de Tereza impedia que sua filha tivesse ocasiões para o namoro (o que por si só a distanciava da possibilidade da maternidade). Podemos inferir que junto à proibição materna (cuja razão não foi explicitada), a peculiaridade familiar pela inclinação artística e o meio social popular em que as mulheres possuíam atividades econômicas próprias como a de lavadeira, de criação de pequenos animais e do cultivo de hortas para a subsistência aparentemente afastava Tereza de manter alguma reputação que, comprometendo-a, desonraria sua família. Não se manifestava urgência e pressão familiar ou

27 Tradução livre, do original: *First of all, in the course of growing up the person may somehow have avoided entangling alliances with conventional society. He may, thus, be free to follow his impulses. The person who does not have a reputation to maintain or a conventional job he must keep may follow his impulses. He has nothing staked on continuing to appear conventional.*

pessoal para casar e ser mãe. Pelo contrário, o trabalho de ceramista parece ter constituído desde cedo sua “personalidade” (no sentido de Hughes, *op. cit.*, que se adquire pelo trabalho) e o casamento talvez pudesse comprometer tal construção pessoal.

Se o trauma de ver sua mãe sofrer no casamento fez Tereza negativizar as relações conjugais, ela não negou tecer relações afetivas com base na amizade. Seu desconforto com relacionamentos afetivos-sexuais voltados para o casamento parece ter encontrado no companheirismo com o Frei Nicolas um lugar de equilíbrio.

A mobilidade sem jamais ter saído de seu entorno se deu em um processo de “construção de si” (Dubar, 2012) que, muito além de ser definida pela formação escolar, inserção empregatícia e formação de família moderna nuclear, passa por uma formação atravessada por acontecimentos que envolveram interações e experiências com atores sociais autóctonos e estrangeiros, tendo a arte da cerâmica ressignificada pela representação da cultura local, o que foi determinante na inflexão de sua carreira biográfica.

6. Conclusão

Apresentamos, com base nas entrevistas realizadas com a artesã do sertão mineiro Tereza, momentos chave de sua trajetória (levantadas por ela ou não) com o objetivo de compreender em que consistiu suas mobilizações e como agiu para concretizá-las sob os acontecimentos do seu tempo. Procuramos articular tais acontecimentos que consideramos ter provocado momentos de inflexão em sua trajetória e os aspectos subjetivos (afetivos, cognitivos e sociais) das experiências relatadas. Evidenciou-se uma importante mobilidade social, não de forma expressivamente econômica, mas em termos de inserção no mercado cultural para muito além das fronteiras regionais. Tal inserção ocorre por meio de uma descoberta – por meio do convite feito por Frei Nicolas, um estrangeiro – do seu pertencimento a uma comunidade que pode ser chamada de imaginada, encontrando as referências regionais por meio do contato com os habitantes das zonas rurais e artesãos, mas também vivida por meio do aprendizado com pessoas concretas, como as mulheres com quem se socializou na infância (sua mãe e Dona Flora).

O lugar da política era menos evidente quando iniciou a pesquisa junto às comunidades rurais, mas sua interação com seus habitantes não somente trouxe efeitos políticos como consolidou um lugar de mediação entre essa população e atores (alunos do Projeto Rondon, membros do PT) e instituições

(universidades, mídia, PT) externas. Essa mobilidade se fez no seu mesmo lugar de origem, por isso localizada, sendo privilegiado para que Tereza pudesse mobilizar seus recursos provindos de seu meio social.

Referências

- AMARAL, Oswaldo Martins Estanislau do. As transformações na organização interna do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009. Tese de doutorado, Ciência Política, Unicamp, 2010.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas – Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.
- BECKER, Howard. *Outsiders: Studies in the Sociology of Deviance*. New York, The Free Press, 2008.
- BORBA, Angela; FARIA, Nalu, GODINHO, Tatau (Orgs.). *Mulher e política. Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 1998.
- CNBB. Disponível em: <<https://efosm.files.wordpress.com/2013/02/cnbb-doc-16-5c2ba-plano-bienal-dos-organismos-nacionais-e28093-1979-1980.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2018.
- COSTA, Fabrício Rodrigues; ZANGELMI, Arnaldo José; SCHIAVO, Reinaldo Azevedo. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. *INTRATEXTOS*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, 2010, pp. 33-50.
- DABUL, Lígia. Artes plásticas em feira de artesanato: venda, criação e os olhos para ver a arte. *Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro, v. 04.01, Junho, 2014, pp. 163-183.
- DUBAR, Claude. A Construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. In: *Cadernos de pesquisa*. São Paulo, v. 42, n. 146, maio/ago. 2012, pp. 351-367.
- DUBAR, Claude; NICOURD, Sandra. *Les biographies en sociologie*. Paris, La Découverte, 2017.
- ELIAS, Norbert. *Mozart. Sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro, Zahar, 1994.
- FOUCAULT, Michel. Gendai no kenryoku o tou. (La philosophie analytique de la politique). In: *Asahi Jaanaru*, 2 de junho, 1978, pp. 28-35.
- HUGHES, Everett. *Men and their work*. Toronto, The Free Press, 1958.
- INSTITUTO PROJETO RONDON. História. Disponível em: <http://www.projektorondon.org.br/noticias/historico_projeto_rondon.html>. Acesso em: 04 dez. 2019.
- GEORGES, Isabel; SANTOS, Yumi Garcia dos. Tessituras da mobilidade de mulheres: economias morais, mercados políticos e zonas de indistinção. In: GEORGES, Isabel; TIZZIANI, Ania (Orgs.). *Dinâmicas del mundo del trabajo en Argentina y Brasil: transiciones, movilidades, desplazamientos*. São Paulo, Alameda, 2019 (no prelo).

- GEORGES, Isabel P. H.; SANTOS, Yumi Garcia dos; ARAUJO, Iara Maria de, LIMA; Jacob C. LIMA. *Relatório final de pesquisa (período 2013-2016): Construção de alternativas socio-ocupacionais de mulheres entre Estado, mercado e família: uma comparação regional*. São Carlos, 2017.
- GEORGES, Isabel; SANTOS, Yumi Garcia dos. *As “novas” políticas sociais brasileiras na saúde e na assistência: produção local do serviço e relações de gênero*. Belo Horizonte, Editora Fino Traço, 2016.
- GEORGES, Isabel P. H.; SANTOS, Yumi Garcia dos; ARAUJO, Iara Maria de. Trabalho, família e gênero: políticas sociais entre o rural e o urbano. Comunicação apresentada no 39º Encontro Anual da ANPOCS 2015. Caxambú, 26-30 de outubro de 2015.
- GUIMARÃES, Juarez. As culturas brasileiras da participação democrática. *Ciclo de seminários Fórum Social Brasileiro*. Belo Horizonte, 7 e 8 de novembro de 2003.
- LEAL, Vitor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto. O município e o regime representativo no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- MENEGUELLO, Rachel. *PT: A formação de um partido, 1979-1982*. São Paulo, Paz e Terra, 1989.
- MIGUEL, Luis Felipe; QUEIROZ, Cristina Monteiro de. Diferenças regionais e o êxito relativo de mulheres em eleições municipais no Brasil. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 14, n. 2, pp. 248, maio-agosto 2006, pp. 363-385.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. O modo petista de governar e de atuação parlamentar. *Curso para prefeitos e prefeitas, vereadores e vereadoras do PT*. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2013.
- PARTIDO DOS TRABALHADORES. PT 38 anos. Uma trajetória de lutas pelo povo e pela democracia (2018). Disponível em: <<https://pt.org.br/pt-38-anos-uma-trajetoria-de-lutas-pelo-povo-e-pela-democracia/>>. Acesso em: 04 dez. 2019.
- MATOS, Marlise; SANTOS, Yumi Garcia dos; SIMÕES, Solange. Relatório de pesquisa 2013-2014, Chamada CNPq/SPM 2012: *O impacto do Programa Bolsa Família sobre a vida das mulheres no rural e no urbano. Cotidiano e projeções para a autonomia feminina. O caso de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2015.
- REIS, Tainá. Ceifando a cana... Tecendo a vida. Um estudo sobre o pós-trabalho nos canaviais. Tese de doutorado, Sociologia, UFSCar, 2018.
- ROSENBAUM, H. Jon. Project Rondon, a Brazilian Experiment in Economic and Political Development. *American Journal of Economics and Sociology*, v. 30, n. 2, 1971, pp. 187-201.
- SADER, Eder. *Quando Novos Personagens Entraram em Cena: experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*. 2. ed. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- SANTOS, Yumi Garcia dos; ARAÚJO FILHO, Tarcísio Perdigão; GEORGES Isabel; FONSECA Juliano; DUMONT Erica; SILVA Alexandre. Formas de mobilidade

feminina e construção das subjetividades das mulheres no Vale do Jequitinhonha. Isabel P. H. Georges (Coord.). Relatório final de pesquisa: *Construção de alternativas socio-ocupacionais de mulheres entre Estado, mercado e família: uma comparação regional*. São Carlos, 2017.

SANTOS, Yumi Garcia dos (Coord.). Território, política e mercado: formas de mobilização das mulheres do Vale do Jequitinhonha. Projeto de pesquisa no âmbito da Chamada Universal Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG 01/2017. Belo Horizonte, 2017.

Recebido em: 18/06/2019

Aprovado em: 06/12/2019

Como citar este artigo:

SANTOS, Yumi Garcia dos. Uma mobilidade social localizada: a carreira biográfica de uma artesã do sertão mineiro. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, v. 9, n. 3, set.- dez. 2019, pp. 771-801.